

preferências metodológicas também variadas. De João Servando, trovador do século XIII, a Ana Hatherly, passando por Camões, Camilo, Eça, Miguel Torga, Fernando Pessoa, Bernardo Santareno, Florbela Espanca, José Cardoso Pires, Fernando Namora, são 26 ensaios de primeira qualidade a conferir ao volume a categoria das obras de consulta obrigatória para quem deseja trabalhar com esses autores. Outra contribuição refere-se às 35 páginas da Introdução, pelo que há propriamente de investimento pessoal da organizadora; aí são feitos, além das considerações iniciais sobre os critérios adotados e os estudos atuais de literatura portuguesa no Brasil, como um todo, a relação e o comentário dos principais trabalhos desenvolvidos por ensaístas e professores que da literatura portuguesa se ocupam nas diferentes regiões do País. Deste exaustivo levantamento, que permite ao leitor acercar-se da extensa produção na área e conhecer os principais núcleos de irradiação da cultura portuguesa no Brasil, saltam os elementos para uma reflexão sobre as mudanças verificadas nos últimos anos, como a busca recente de temas não obrigatoriamente centrados em Camões ou Fernando Pessoa, ou o interesse pela literatura de mulheres e pela literatura portuguesa contemporânea de modo geral. Constitui, pois, este levantamento um excelente subsídio

para uma possível história da literatura portuguesa em bases valorativas modernas, um seguro instrumento do que por aqui, pelo menos, se anda fazendo nesse terreno.

A obra cumpre plenamente os objetivos com que foi concebida.

Melânia Silva de Aguiar

PAULINO, Graça & WALTY, Ivete. *Teoria da Literatura na Escola - atualização para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: Depto. de Semiótica e Teoria da Literatura da FALE/UFMG, 1992.

Resenhar um novo livro, na maioria das vezes, se reduz a compôr um inventário dos seus assuntos, especialmente quando se trata de uma coletânea de vários autores, como forma de introduzir o leitor às "novidades" apresentadas. Esta direção, quase sempre, diz mais sobre o caráter de iniciado do resenhista do que propriamente sobre o livro em questão. Não é este o caminho que quero aqui privilegiar. Entretanto, cabe-me dizer que *Teoria da Literatura na Escola - atualização para professores de I e II graus*, organizado por Graça Paulino e Ivete Walty, constitui um trabalho muito bem vindo, onde o professor, e todo aquele que se interesse pelo estudo teórico e crítico da literatura, encontrará um lugar de reflexão madura, porque

simples e profunda ao mesmo tempo, sobre questões fundamentais do texto e do contexto literários.

No livro, composto por dez artigos de professores e pesquisadores do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura da UFMG, três movimentos se definem e se cruzam, mediados por um quarto vetor (expresso no último ensaio do livro), que não possui direção única, pois se liga a todos os outros ao mesmo tempo.

O primeiro movimento se define pela investigação de aspectos próprios do objeto literário. Ivete Walty, em dois ensaios, traça reflexões sobre os conceitos de poesia e ficção; Maria Luiza Ramos expõe com toda a precisão o fenômeno da figuração da linguagem, trabalhando com a consciência de que toda linguagem é figurada, todo processo de significação aberto, constituído pelos deslocamentos metonímicos e pelas condensações metafóricas; Nancy Maria Mendes trabalha a complexa questão da intertextualidade, fazendo a ligação entre as questões próprias do texto e os diversos contextos, ponte para o segundo movimento do livro, as categorizações do literário.

As relações de literatura com a história e a sociedade, as relações sincrônicas e diacrônicas no interior da tradição literária e desta com outras séries, são campos formadores de sistemas classificatórios, objeto dos ensaios de Maria Zilda Ferreira Cury, sobre

historiografia literária, e de Graça Paulino, Ivete Walty e Vera Casa Nova, sobre a questão dos gêneros literários. Entre o extremo da classificação que basta a si mesma e seu antípoda, a leitura monográfica e descontextualizada de autores, aqueles dois ensaios buscam a difícil medida da classificação que seja informadora e não simplesmente taxonômica, e da contextualização que não apague as diferenças individuais.

O terceiro movimento direciona os problemas do texto e do contexto para a prática diária da sala de aula. Maria Helena Campos busca motivar a leitura do literário a partir da leitura do mundo; Graça Paulino retoma o mesmo tema, leitura, enfocando a difícil tarefa de o que selecionar para ler, partindo do lugar do livro na nossa sociedade como mercadoria, e das vinculações ideológicas que este lugar acarreta; Haydée Ribeiro Coelho faz uma análise do discurso dos livros didáticos, dos manuais de literatura, enfocando especialmente o conceito de literatura a veiculado.

Por último, o ensaio de Luiz Cláudio Vieira de Oliveira, "Uma Literatura em Busca de um Autor", faz uma reflexão que, ligada às questões textuais e contextuais, se volta para a sala de aula por um viés fundamental: o ato de escrever como forma de prazer e descoberta do mundo. O ensaio possui uma hipótese radical: o

estudo da literatura na escola não pode ser auto-suficiente, pois deve provocar no aluno o próprio exercício do ato criativo da escrita.

Este é um roteiro possível do livro. Cabe aqui ao menos uma crítica. Ivete Walty poderia ter explicitado mais amplamente o fato de que a poesia integra o campo do ficcional. Separar poesia e ficção pode deixar transparecer que se trata de objetos estanques, o que, temos certeza, não é o pensamento da autora. Poesia e prosa são partes do campo da ficção. Aquela divisão, a meu ver, deriva dos próprios cursos de literatura que se dividem em "*poesia e ficção*", quando deveriam ser divididos em "*poesia e prosa ficcional*", (ou "*narrativa*"), ambos englobados pela categoria da ficção.

Aqui estaria terminada a resenha se me ativesse ao caminho apontado no começo. Mas o que mais me alegra no livro em questão é alguma coisa que está presente em sua enunciação, apenas não se fez explicitada. A pergunta fundamental do trabalho, a meu ver, é a seguinte: qual o papel da teoria da literatura hoje?

Se partirmos do título, *Teoria da Literatura na Escola - atualização para professores de I e II graus*, poderemos ver elementos muito interessantes. O sub-título, criador de um pacto de leitura, revela apenas metade do alcance do livro, que Fábio Lucas, no próprio prefácio do volume, define

como "ventilar a prática pedagógica". A parte principal do título, entretanto, diz muito mais. Se "escola" constitui antes de tudo lugar de reflexão, vincular Teoria da Literatura à escola é recuperar a dimensão crítica da teoria e retirá-la da torre de marfim em que corre o risco de se enclausurar quando transforma jargão em gênero. Por outro lado, a relação entre "escola" e "literatura", mediada pela "teoria" (logo pela reflexão), aponta para a superação do fóssil que é a "escola literária", ou seja, da compreensão do fazer crítico como enquadramento de autores em escolas, tão ao gosto ainda hoje dos manuais de literatura; e, sobretudo, para superar a prática fácil da "escola crítica", que a cada nova moda, a cada novo autor da moda, impõe sobre a riqueza de sentidos do objeto literário um conjunto de instrumentos de leitura como universalizadores da significação. Contra o fácil e o fóssil, "Teoria da Literatura na Escola" é radicalmente contra modismos, em nome da reflexão.

Marcus Vinicius de Freitas